

era tida por muitos como mentira de viajantes, só alguns loucos andavam de avião, comprávamos galinhas vivas e verduras trazidas à nossa porta nas costas de mulas, tínhamos grandes quintais e jardins, meninos não discutiam com adultos, mulheres não usavam calças compridas nem dirigiam automóveis e vivíamos tão longe de tudo que se dizia que, quando o mundo acabasse, só íamos saber uns cinco dias depois.

Mas vivíamos bem. Morávamos sempre em casarões enormes, de grandes portas, varandas e tetos altíssimos, e meu pai, que sempre gostou das últimas novidades tecnológicas, trazia para casa tudo quanto era tipo de geringonça moderna que aparecia. Fomos a primeira família da vizinhança a ter uma geladeira e recebemos visitas para examinar o impressionante armário branco que esfriava tudo. Quando surgiram os primeiros discos long play, já tínhamos a vitrola apropriada e meu pai comprava montanhas de gravações dos clássicos, que ele próprio se recusava a ouvir, mas nos obrigava a escutar e comentar.

Nada, porém, era como os livros. Toda a família sempre foi obsedada por livros e às vezes ainda arma brigas ferozes por causa de livros, entre acusações mútuas de furto ou apropriação indébita. Meu avô furtava livros de meu pai, meu pai furtava livros de meu avô, eu furtava livros de meu pai e minha irmã até hoje furta livros de todos nós. A maior casa onde moramos, mais ou menos a partir da época em que aprendi a ler, tinha uma sala reservada para a biblioteca e gabinete de meu pai, mas os livros não cabiam nela – na verdade, mal cabiam na casa. E, embora os interesses básicos dele fossem Direito e História, os livros eram sobre todos os assuntos e de todos os tipos. [...] Havia uns livros sobre hipnotismo e, depois de ler um deles, hipnotizei um peru que nos tinha sido dado para um Natal e, que, como jamais ninguém lembrou de assá-lo, passou a residir no quintal e, não sei por quê, era conhecido como Lúcio. Minha mãe se impressionou, porque, assim que comecei meus passes hipnóticos, Lúcio estacou, pareceu engolir em seco e ficou paralisado, mas meu pai – talvez porque ele próprio nunca tenha conseguido hipnotizar nada, apesar de inúmeras tentativas – declarou que aquilo não tinha nada com hipnotismo, era porque Lúcio era na verdade uma perua e tinha pensado que eu era o peru.

Não sei bem dizer como aprendi a ler. A circulação entre os livros era livre (tinha que ser, pensando bem, porque eles estavam pela casa toda, inclusive na cozinha e no banheiro), de maneira que eu convivia com eles todas as horas do dia, a ponto de passar tempos enormes com um deles aberto no colo, fingindo que estava lendo e, na verdade, se não me trai a vã memória, de certa forma lendo, porque quando havia figuras, eu inventava as histórias que elas ilustravam e, ao olhar para as letras, tinha a sensação de que entendia nelas o que inventara. Segundo a crônica familiar, meu pai interpretava aquilo como uma grande sede de saber cruelmente insatisfeita e queria que eu aprendesse a ler já aos quatro anos, sendo demovido a muito custo, por uma pedagoga amiga nossa. Mas, depois que completei seis anos, ele não aguentou, fez um discurso dizendo que eu já conhecia todas as letras e agora era só uma questão de juntá-las e, além de tudo, ele não suportava mais ter um filho analfabeto. Em seguida, mandou que eu vestisse uma roupa de sair, foi comigo a uma livraria, comprou uma cartilha,



- D. Gilete - disse ele, apresentando-me a senhora de cabelos presos na nuca, óculos redondos e ar severo -, este rapaz já está um homem e ainda não sabe ler. Aplique as regras.

"Aplicar as regras", soube eu muito depois com um susto retardado, significava, entre outras coisas, usar a palmatória para vencer qualquer manifestação de falta de empenho ou burrice por parte do aluno. Felizmente D. Gilete nunca precisou me aplicar as regras, mesmo porque eu de fato já conhecia a maior parte das letras e juntá-las me pareceu facilímo, de maneira que, quando voltei para casa nesse mesmo dia, já estava começando a poder ler. Fui a uma das estantes do corredor para selecionar um daqueles livrões com retratos de homens carrancudos e cenas de batalhas, mas meu pai apareceu subitamente à porta do gabinete, carregando uma pilha de mais de vinte livros infantis.

- Esses daí agora não - disse ele. - Primeiro estes, para treinar. Estas livrarias daqui são uma porcaria, só achei estes. Mas já encomendei mais, esses daí devem durar uns dias.

Duraram bem pouco, sim, porque de repente o mundo mudou e aquelas paredes cobertas de livros começaram a se tornar vivas, frequentadas por um número estonteante de maravilhas, escritas de todos os jeitos e capazes de me transportar a todos os cantos do mundo e a todos os tipos de vida possíveis. Um pouco febril às vezes, chegava a ler dois ou três livros num só dia, sem querer dormir e sem querer comer porque não me deixavam ler à mesa - e, pela primeira vez em muitas, minha mãe disse a meu pai que eu estava maluco, preocupação que até hoje volta e meia ela manifesta.

- Seu filho está doido - disse ela, de noite, na varanda, sem saber que eu estava escutando. - Ele não larga os livros. Hoje ele estava abrindo os livros daquela estante que vai cair para cheirar.

- Que é que tem isso? É normal, eu também cheiro muito os livros daquela estante. São livros velhos, alguns têm um cheiro ótimo.

- Ontem ele passou a tarde inteira lendo um dicionário.

- Normalíssimo. Eu também leio dicionários, distrai muito. Que dicionário ele estava lendo?

- O Lello.

- Ah, isso é que não pode. Ele tem que ler o Laudelino Freire, que é muito melhor. Eu vou ter uma conversa com esse rapaz, ele não entende nada de dicionários. Ele está cheirando os livros certos, mas lendo o dicionário errado, precisa de orientação.

RIBEIRO, João U. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. ©João Ubaldo Ribeiro

1. Que tipo de narrador identificamos nesse texto e quem é ele?

---

2. O texto é iniciado com explicações sobre o tempo e o espaço da narrativa. Comprove essa afirmação com dados do próprio texto.

---

---

---

3. O segundo período do texto começa assim:

Essa distinção, contudo, [...]

a) A que distinção ele se refere?

---

---

b) A conjunção **contudo** é coordenada adversativa. Que ideia adversa é introduzida a partir dela?

---

---

---

4. A continuação do primeiro parágrafo tem o objetivo de mostrar aspectos da vida em Aracaju, os quais comprovam que a cidade era "pequena, provinciana e calma". Explique e exemplifique como

a) era o acesso à informação: \_\_\_\_\_

---

b) era o acesso à tecnologia: \_\_\_\_\_

---

c) eram os hábitos: \_\_\_\_\_

---

d) eram os costumes: \_\_\_\_\_

---

5. Transcreva o 1º período do 2º parágrafo e responda à questão.

---

▶ A primeira palavra desse período estabelece conexão entre as ideias apresentadas no 1º e 2º parágrafos. Que ideias estão implícitas com a inserção dela?

---

---

---

---

6. Na sequência do texto, o narrador expõe algumas situações que dão sustentação ao fato de ter dito que viviam bem.

Resumidamente, que razões foram apresentadas no

a) 2º parágrafo? \_\_\_\_\_

---



a) Nessa nota, há também uma crítica. Quem é o alvo dessa crítica? Por quê?

---

---

b) Essa crítica é feita de forma explícita ou fica subentendida? Justifique sua resposta com uma frase do texto.

---

---

c) Explique por que a nota começa com a palavra **solidariedade**.

---

---

6 Leia, agora, mais uma nota jornalística, também extraída do *Jornal da Manhã*, do município de Ijuí.

**Vacinação** – Hoje é o Dia D de vacinação contra a gripe A. Os postos de vacinação estarão atendendo a comunidade. Mas apenas os que pertencem ao grupo de risco. Demais pessoas que quiserem se vacinar terão que esperar as sobras ou partir para as vacinas compradas. Será difícil ter sobras de vacinas, pois as pessoas que estão no grupo de risco estão buscando as vacinas destinadas a elas. As vacinas na rede particular variam de R\$ 60 a R\$ 80. Quem tem família grande terá que investir muito para se prevenir contra a Gripe A.

JORNAL DA MANHÃ. Disponível em: <[http://jmijui.com.br/pagina-212-jornal\\_da\\_manha.fire](http://jmijui.com.br/pagina-212-jornal_da_manha.fire)>. Acesso em: 28 fev. 2014.

a) O que significa a expressão "Dia D"?

---

---

b) Os dois períodos iniciais da nota apresentam duas informações. Pode-se dizer que se trata de uma nota de utilidade pública? Explique sua resposta.

---

---

c) No terceiro período, há uma restrição no que se refere à comunidade.

▶ Que restrição é essa?

---

---

▶ Que palavra introduz essa restrição?

---

---

d) A nota apresenta duas opções para aqueles que não fazem parte dos grupos de risco, mas as duas apresentam problemas. Cite as opções e os problemas apontados.

---

---

---

